

NOTA DE IMPRENSA



HUGO CANOILAS



# DEBAIXO DO VULCÃO

MUSEU NACIONAL  
DE ARTE CONTEMPORÂNEA  
DO CHIADO



**INAUGURAÇÃO — 24 NOVEMBRO – 19h00**  
**APRESENTAÇÃO À IMPRENSA · 24 DE NOVEMBRO - 12h00**

Apossando-se do título da obra homónima de Malcolm Lowry “Debaixo do Vulcão”, este projeto integra a segunda edição do Art Cycles, programa bienal com o apoio mecenático integral da Sonae, em que é dada inteira liberdade a um artista nacional para criar, durante cerca de um ano, um projeto inédito, site-specific, culminando com a sua apresentação pública no MNAC- Museu do Chiado.

A primeira edição do Art Cycles, em 2014, teve como artista convidado, Daniel Blaufuks, com o projeto *Toda a Memória do Mundo, Parte Um*.

Para a escolha deste ano de 2016, que recaiu sobre Hugo Canoilas, contribuiu não só o percurso nacional e internacional do artista, cuja obra constitui já uma referência de inquestionável relevância na arte contemporânea, mas também a particularidade dos seus processos de trabalho no quadro dum permanente questionamento do sistema das artes, com o recurso, sempre subversivo, à ironia e à rejeição da erudição, colocando o enfoque nas questões estética e política como instrumentos de reflexão sobre uma sociedade cujas desigualdades crescentes e despotismo têm vindo a crescer nos últimos anos.

Desde que aceitou o convite do MNAC, Hugo Canoilas tem-se dedicado quase exclusivamente a este projeto, construindo-o como um diálogo permanente, entre as muitas referências que são tutelares para o artista, desde o conceito de Cosmococa desenvolvido por Hélio Oiticica e Neville de Almeida, ao filósofo Kierkegaard e à sua obra *In Vino Veritas* que disserta sobre o amor, à poesia como matéria de livre associação em Mallarmé, ao rock n’roll, ao Sublime, ao Diálogo Psicanalítico de Sartre ou ainda, e fundamentalmente, a Malcom Lowry e à sua obra, *Debaixo do Vulcão*.

Em Canoilas, o ato de criação desenvolve-se como um trama de cumplidades entre todos os intervenientes que o artista convoca para dentro do processo - contemporâneos e pró-

ximos fisicamente, como os atores, os técnicos, os tradutores, amigos, familiares - todo um conjunto de referentes, de que já citámos alguns, que o têm acompanhado e a que ele volta, apropriando-se, desenvolvendo ideias ou fragmentos, reciclando, transformando, absorvendo o que neles lhe interessa ou ca, num trabalho de grande intensidade intelectual e emocional que nunca se conclui, alterando permanentemente a teia de relações primordiais, adicionando-lhe novas, sem hierarquias, sem complexos de erudição, sem cinismo, acreditando ainda no poder utópico da arte como transformadora das relações humanas.

Por essa razão, toda a sua obra funciona como um recetáculo para acolher os medos e as esperanças do público, vital para o artista e mais um dos seus cúmplices na urdidura da complexa teia do seu ato criativo.

A polissemia da obra que Hugo Canoilas nos traz, é-nos dada pelo seu desenvolvimento em camadas sobrepostas, contíguas, nalguns casos justapostas, congregando imagens fixas e em movimento, textos filosóficos, textos triviais, momentos autobiográficos, momentos históricos, música, sons, criando um vórtice de pensamento e de perceções relacionais que se transformam e se reconfiguram a cada visualização e em função de cada recetor.

Desenvolvido em vários momentos, o programa irá definir-se num tempo distendido e por espaços diversos, desde uma antiga pedreira nos arredores de Lisboa, eventualmente em grandes espaços comerciais, nas redes sociais e, sempre aberto a outras formas de participação e envolvimento, de que a apresentação no museu constituirá apenas uma parte.

Emília Tavares  
Curadora

Pensei no projeto como uma forma de alteridade. Apresentar-me como outro, em vez de celebrar uma assinatura ou um trabalho que não oferecesse resistência à sua mercantilização ou transformação em informação.

Esta ideia de alteridade agarra-se à da antropofagia (Oswald de Andrade e Oiticica) e a uma ideia mais idealista de uma sociedade da diferença (da arte como espaço para receber as diferenças não negociáveis (Hannah Arendt)). Quis elogiar os valores risco, experimentação e fluxo, contra a horrível fixidez, o medo, a pressão de falhar, o mercado (a mercadoria para as galerias, museus, curadores e críticos) oferecendo resistência à informação com que se poderá reduzir uma obra ou a sua “objetualização”. Dar a ver algo de novo, não expectável, incoerente ou heterogêneo - consoante a capacidade daquele que vê, é a *mimesis* daquilo que acontece à minha frente – a obra é fruto de uma ideia e de uma ação ou conjunto de ideias e ações mas existe sempre algo que acontece à minha frente; um sujeito que se torna objeto e que necessita de se incorporar; a obra é-me estrangeira e eu quero torná-la parte do meu discurso.

A heterogeneidade é também a resposta clara à forma como a multiplicidade de eventos (artísticos, políticos ou sociais) se articulam em relação a um chão cultural onde trabalhamos. A ideia de uno, que marca toda a arte *apolínea* e todas as ideias fortes (em política) ou grandes narrativas que tendem para Uno, é uma aberração, um anacronismo e serve apenas as leis do sistema económico-político em que vivemos que tende para a codificação da diferença.

Dediquei-me de forma quase exclusiva durante um ano a este projeto. E para exponenciar o valor tempo recorri a vários condensadores (de tempo): o livro “Under the Volcano” de Malcolm Lowry que foi escrito durante um ano e reescrito durante oito anos; o meu trabalho sobre o livro que dura há seis anos e já foi utilizado em dois projetos anteriores, especialmente pintando frases do livro com *stencil*, o que me fez usufruir de um tempo diferente com o texto, incorporá-lo, e, por fim, a utilização de “Endless Killing”, uma pintura origi-

nalmente produzida em 2008 no contexto de um convite da curadora espanhola Chuz Martinez, para o Centro de Arte Contemporâneo Huarte, em Navarra, Espanha, por ocasião da comemoração dos 40 anos do Maio de 1968 [<http://www.centrohuarte.es/actualidad/endless-killing/>] feita num ano mas que resume um determinado conhecimento sobre pintura histórica que foi adquirido ao longo dos anos.

A pensar na ideia de tempo ocorrem-me duas considerações que parafraseio aqui: “Experimentar o tempo de uma obra é entender a obra” - Oiticica e o “Tempo é uma ferramenta política” – de alguém, a partir da exposição de Jessica Morgan na Tate Modern intitulada “Time zones”.

O meu tempo é uma espiral - passa por zonas onde é possível criar relações com algo que já vimos, mas que vemos de outra maneira. O meu movimento toma a forma da ponte que se estende para tornar algo do passado presente, colocá-lo em imanência poética, mas também para criar ligações ao Outro, a outra matéria, conceito ou ideia, sistema de conhecimento, etc. A relação da obra com outra coisa fora da arte, torna-a real e tangível. Procuo ainda testemunhas (novo público) pois o público informado/especializado é cúmplice. Eu quero cúmplices (quero aliás como o Sr. Mersault dizia em “O estrangeiro” que a praça esteja cheia), mas necessito de testemunhas para que a obra aconteça aqui e agora.

O projeto não é um novo ciclo mas sim um objeto charneira; abre portas e tenta fechar outras. Reciclo obras do passado, umas de forma tangível (reapresentado, filmando) outras utilizando-as como linguagem para servir um determinado fim, aumentando as hipóteses de trabalho com estas (pintura tipo expressionismo abstrato, trabalho com texto, intervenção urbana). O filme é uma tentativa de reunir todas estas forças (linguagens) sob o mesmo teto.

“Debaixo do vulcão” de Malcolm Lowry é o recetáculo de um conjunto de forças por vezes até contrárias em termos de valor (e aqui surge-me a ideia de *desastre* em Maurice Blanchot;

*dis astro*, sem sol, sem eixo, sem centro). Ainda assim foquei-me na relação entre o Cónsul e Ivone. Que como história de amor se desdobra depois em duas perspetivas diferentes sob a forma de diálogo.

As três tomadas de posição em relação ao Amor (deus *Eros*) estão relacionadas com o “Banquete” de Platão e sobretudo com “In vino veritas” onde Kierkegaard se desdobra em vários personagens que tomam diferentes perspetivas sobre o amor. O Amor é força (dionisíaca) e conteúdo narrativo e uma referência natural à heterogeneidade.

O filme é fragmentado em partes que se distribuem pelas 5 salas e corredor que compõem a exposição. Os fragmentos provêm de uma ideia de filme, muito próximas da forma como Ernesto de Sousa define o que é uma laranja em “Artes Gráficas - Veículo da intimidade”. Os fragmentos são o Narrador, a cena envolvente, a banda sonora, a ação e o som ambiente, que ainda se desdobram num conjunto de ações dentro e fora do Museu, numa dicotomia entre a apresentação ou afirmação e a reflexividade. Os vídeos e instalações sonoras, que tentam formar uma ideia de filme, foram feitos com o filme de Huston e as suas falhas em mente (ele próprio afirmou que este seria um livro impossível de filmar). E procura fazê-lo através da ideia de impossibilidade de representação – algo que me interessou muito em Barnett Newman, através das considerações que J.F. Lyotard fez sobre a ideia de tempo pós moderno em “O inumano”.

A representação negativa - primeiro associada à impossibilidade de reapresentar ideias como por exemplo Deus -, pode-se estender à impossibilidade de criação de uma grande narrativa capaz de condensar o mundo e as suas camadas histórica, económica, política, etc, assim como os seus acontecimentos sociais, políticos e artísticos que originam a ideia de caos ou de impossibilidade de reduzir o mundo a uma unidade mas sim a uma heterogeneidade.

Concorrente (que tende a encontrar-se) com esta ideia de representação negativa está o trabalho entre linguagem (texto) e imagem - feito através de rigor e a ‘chance’ no cruzamento entre uma palavra e uma ação; uma palavra ou frase e uma imagem. As referências aqui são Fernando Pessoa (na forma como ele desrespeitava algumas formas gramaticais), Jacques Rancière (“O destino das imagens”) e a forma como Öyvind Fahlström procurava nos seus filmes um novo, não expectável, que resulta da justaposição de duas coisas díspares.

Procurei explorar, nas diversas fraturas narrativas entre imagem e texto ou entre frases do texto, um modo de entrada na obra daquele que a vê, que colmate esta aparente falha.

A escolha do meio (vídeo) e a forma como o realizei vem já com essa ideia de conquistar tempo; de introduzir um tempo diferente do quotidiano; uma experiência comum a um grupo heterogéneo de pessoas; um tempo vivido em comunhão.

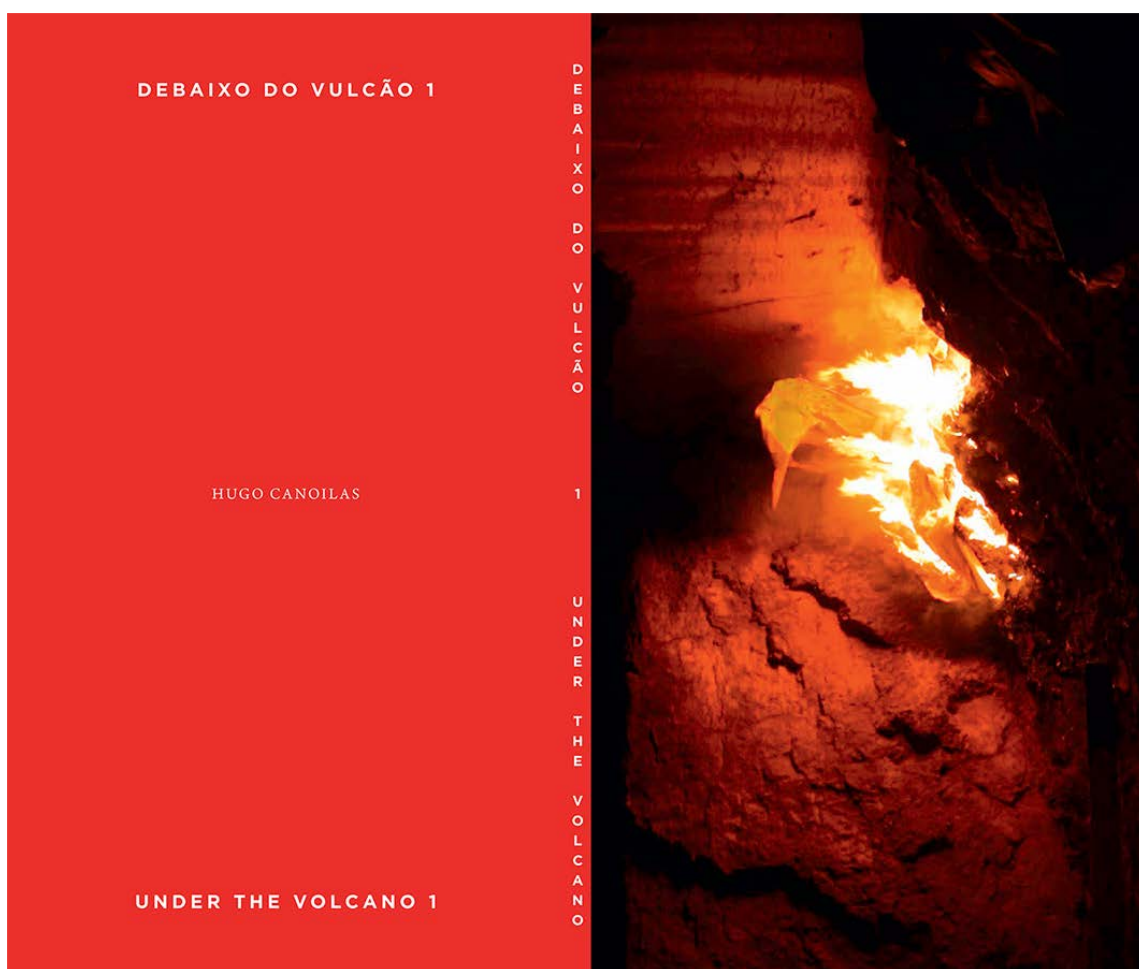
Hugo Canoilas

**Biografia do artista em** <http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/programacao/texto/471>

**6 obras inéditas**

**4 vídeos, uma instalação sonora e pintura de dimensões variáveis (lixívia sobre sarja)**

**LANÇAMENTO DO LIVRO 1 DO PROJETO**



**PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTATAR:**  
[comunicacao@mnac.dgpc.pt](mailto:comunicacao@mnac.dgpc.pt)

Imagens em alta em  
[www.museuartecontemporanea.pt/informacoes/imprensa](http://www.museuartecontemporanea.pt/informacoes/imprensa)

**FICHA TÉCNICA****EXPOSIÇÃO****Organização**

Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado

**Curadoria**

Emília Tavares

**Produção Executiva**

Emília Tavares

**Montagem Multimédia**

Balaclava Noir

**Construções**

Construções Sampaio

**Assistência à Montagem**

António Rasteiro

**Educação**

Catarina Moura (coordenação)  
Ana Rita Duro, Ana Rita Salgueiro, Flávia Violante, Paula Azevedo, Pedro Fortes e Daniel Peres.

**Mecenato**

Rita Sá Marques

**Comunicação**

Anabela Carvalho (coordenação)

António Chaparreiro

**Assessoria Administrativa**

Angelina Pessoa

Sofia Khan

**Design**

vivoeusébio

**Sinalética**

VPrint

**OBRAS*****Debaixo do Vulcão,***

**2015-2016**

Instalação áudio e vídeo multi-canal (4 canais de vídeo e 1 canal de áudio), cor, som.

**Canal de vídeo 1 Narradora |**

Vídeo HD, PAL (1080p), 16:9, cor, som stereo, 48' 55" (loop)

**Canal de vídeo 2 – Debaixo do**

**Vulcão |** Vídeo HD, PAL (1080p), 16:9, cor, som stereo, 48'55" (loop)

**Canal de vídeo 3 – Fogo 1 |**

Vídeo HD, PAL (1080p), 16:9, cor, s/som, 29' 33" (loop)

**Canal de vídeo 4 – Fogo 2**

|Vídeo HD, PAL (1080p), 16:9, cor, s/ som, 29'33" (loop)

**Canal de vídeo 5 – Diálogo |**

Vídeo HD, PAL (1080p), 16:9, cor, som stereo, 10' 48" (loop)

**Banda Sonora**

Filipe Felizardo & Gabriel Ferrendini  
31' 42"

**Gravação e mistura**

Cristiano Nunes

**Edição**

LABAREDA

<https://labareda.bandcamp.com/>

**Edição Vídeo**

Pedro Reis @ Resize, Lda

**Atores**

Alexandre Pieroni Calado

Sofia Dinger

Paula Garcia

António MV

Nuno Simão

**Voz**

Carlos Malvarez

**Performance**

Hugo Canoilas

**Operador de Câmara**

João Ferro Martins

Hugo Canoilas

**Som**

Antonio MV

**Gravação e Edição de som**

Gonçalo Pratas – Constroisons

**EVENTO EM NEGRAIS****Cenários e montagem**

Construções Sampaio, Pedro Canoilas, Martinho Correia, Ricardo Braz, Leonel Correia, Pavlo Kyyanchenko, Simão Nunes, Cláudio Rijo e Nuno Simão.

**Apoio**

ABF Stones, Câmara Municipal de Sintra, União das Freguesias de Almagem do Bispo, Pêro Pinheiro e Montelavar

**CATÁLOGO****Coordenação editorial**

Hugo Canoilas e Emília Tavares

**Textos**

Hugo Canoilas

**Adaptação a partir das obras de**

Malcom Lowry - *Under the volcano*. London, Penguin - Modern Classics, 2000

Jean Paul Sratre - "Psycho-analytic dialogue" in "Jean-Paul Sartre - *Between Existentialism and Marxism*, London, Verso, 2008

**Tradução**

Claudia Pestana, Hugo Canoilas

**Revisão de Textos**

Kennystranslations, Hugo Canoilas Cláudia Pestana, Anabela Carvalho

**Créditos fotográficos**

João Ferro Martins e

Hugo Canoilas

**Design Gráfico**

vivoeusébio

**Impressão**

Gráfica Maiadouro